

Logos e phoné em Um útero é do tamanho de um punho, de Angélica Freitas

Logos and Phoné in Um útero é do tamanho de um punho, by Angélica Freitas

Autoria: Luana dos Santos Claro

 <https://orcid.org/0000-0002-9209-3544>

DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2021.180116>

URL do artigo: <http://www.revistas.usp.br/opiniaes/article/view/180116>

Recebido em: 17/12/2020. Aprovado em: 17/06/2021.

Opiniões – Revista dos Alunos de Literatura Brasileira

São Paulo, Ano 10, n. 18, jan.-jul., 2021.

E-ISSN: 2525-8133

Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

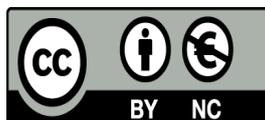
Universidade de São Paulo.

Website: <http://www.revistas.usp.br/opiniaes>.  [fb.com/opiniaes](https://www.facebook.com/opiniaes)

Como citar (ABNT)

CLARO, Luana dos Santos. Logos e phoné em Um útero é do tamanho de um punho, de Angélica Freitas. *Opiniões*, São Paulo, n. 18, p. 410-428, 2021. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2021.180116>. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/opiniaes/article/view/180116>.

Licença Creative Commons (CC) de atribuição (BY) não-comercial (NC)



Os licenciados têm o direito de copiar, distribuir, exibir e executar a obra e fazer trabalhos derivados dela, conquanto que deem créditos devidos ao autor ou licenciador, na maneira especificada por estes e que sejam para fins não-comerciais

logos e phoné
em *um útero*
é do tamanho
de um punho,
de angélica freitas

Logos and Phoné in Um útero é do tamanho de um punho, by Angélica Freitas

Luana dos Santos Claro¹

Universidade de São Paulo – USP

DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2021.180116>

¹ Graduada em Letras pela Universidade de São Paulo (USP) e poeta. Autora de *Diadorim* (2017) e de *Construção* (2020). E-mail: luana.claro@alumni.usp.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9209-3544>.

Resumo

Angélica Freitas, poeta brasileira, possui uma obra poética repetidamente marcada pela questão da condição feminina. Ao observar *Um útero é do tamanho de um punho* (2012), constata-se um paralelo entre a figura feminina e os animais, na medida em que algumas das mencionadas mulheres apresentam elementos animais. A partir dessa observação e dos conceitos aristotélicos de *logos* e *phoné*, é possível perceber como se articula uma grande oposição dentro da obra: entre o que pode ser considerado racional, superior, representado por uma voz masculina, paradoxalmente tautológica, e o que é considerado inferior ou irracional, representado pelo elemento feminino, referido como mulher que ladra, é suja e que tem patas.

Palavras-chave

Angélica Freitas. Literatura brasileira contemporânea. Poesia brasileira contemporânea. Crítica literária feminista.

Abstract

Angélica Freitas, a Brazilian poet, has a poetic work repeatedly marked by the question of the female condition. When observing *Um útero é do tamanho de um punho* (2012), there is a parallel between the female figure and the animals, in that some of the aforementioned women have animal elements. From this observation and the Aristotelian concepts of *logos* and *phoné*, it is possible to perceive how a great opposition is articulated within the work: between what can be considered rational, superior, represented by a male voice paradoxically tautological, and what is considered inferior or irrational, represented by the female element, referred to as a woman who barks, is dirty and has paws.

Keywords

Angélica Freitas. Contemporary brazilian literature. Contemporary brazilian poetry. Feminist literary criticism.

*uma vaca furiosa
te passa por cima
te pateia
ganha no mato*

*uma mulher furiosa
quem sabe (...)²*

considerações iniciais

Os significados mais comuns da palavra *contemporaneidade* relacionam-se à ideia de coexistência. Entretanto, há outra definição para este conceito. Segundo Giorgio Agamben, contemporâneo é aquele que possui “uma relação com o tempo que a este adere através de uma dissociação e de um anacronismo” (AGAMBEN, 2009, p. 59); ou seja, é aquele que não consegue se adequar perfeitamente ao seu tempo e, por distanciar-se, consegue apreendê-lo e enxergá-lo como outros não conseguem. A obra poética de Angélica Freitas é perpassada pela consciência de sistemas de dominação e exploração, o patriarcado sobretudo, que podem ser considerados fraturas de nossa época. Assim, suas observações são dotadas de contemporaneidade, pois revelam sua compreensão crítica em relação às formas, muitas vezes implícitas, de funcionamento da sociedade.

Porém, além disso, o contemporâneo é corajoso, “porque [ser contemporâneo] significa ser capaz de não apenas manter fixo o olhar no escuro da época, mas também de perceber, nesse escuro, uma luz que, dirigida para nós, distancia-se infinitamente de nós” (AGAMBEN, 2009, p. 65). A transgressão explícita em alguns dos poemas de Angélica Freitas são marcas de sua intempestiva coragem, como contemporânea, de manifestar uma condição coletiva e estrutural e, ainda, mostrar como diferentes arranjos sociais hierárquicos podem se relacionar. Pretende-se, com este estudo, demonstrar a possibilidade de subversão de conceitos aristotélicos, considerados pilares da tradição ocidental, *logos e phoné*, por meio da trama dos poemas de *Um útero é do tamanho de um punho* (2012). Pretende-se observar como dessas definições, que são mobilizados pela autora por meio de mecanismos específicos, revelam a condição feminina na sociedade contemporânea e também, em alguma medida, a condição dos animais não-humanos nesse contexto.

sobre mulheres e animais

Lançado em 2012, o livro *Um útero é do tamanho de um punho* recebeu considerável atenção da crítica literária de orientação feminista por ser um projeto inteiramente voltado para a condição feminina na sociedade. Entre o processo de escrita do seu primeiro livro, que também aborda a questão em alguns dos poemas, e do segundo, o objeto desse estudo, a autora relata ter passado por um momento

² O poema parcialmente reproduzido consta na p. 65 do livro *Mugido* (2017), de Marília Floôr Kosby.

de convivência com ativistas feministas e que, a partir desse período, começou a escrever sobre as inquietações que sentia há tempos. Existe, assim, uma relação entre a poética de Freitas e a teoria feminista; esta, aparentemente, deu consistência às questões da autora, que já eram anteriores. Em entrevista, Freitas afirmou que:

Então foi a partir de uma vivência sua, questionamentos seus, que os poemas foram surgindo?

Sim. Na verdade, eu nunca quis protestar, levantar bandeiras, eu estava em um processo, vivendo as questões, as inquietações. Então fui descobrindo ao mesmo tempo que escrevia. Daí passei um ano e pouco escrevendo o livro.³

É relevante, assim, a questão das experiências individuais que manifestam estruturas coletivas. A afirmação de Freitas pode ser associada à discussão inicial mencionada em *A Dialética do Sexo* (1976). Nessa obra, Firestone afirma que o método de análise marxista falha ao não analisar o nível da realidade que não se origina da economia, embora não deixe de reconhecer a importância e a validade de tal teoria no que tange aos outros âmbitos da sociedade. O trabalho reprodutivo, exercido por mulheres, também deve ser considerado, segundo a teórica mencionada, mas os autores marxistas analisados dialeticamente por ela não teriam conseguido tal feito ou não teriam desenvolvido a problemática devidamente. Sua proposta é, por isso, “desenvolver uma visão materialista da História, baseada no próprio sexo” (FIRESTONE, 1976, p. 16), ao assumir que o dualismo tem como base a biologia, a qual é arbitrariamente utilizada para embasar um tipo de determinismo social: “Ao contrário das classes econômicas, as classes sexuais brotaram diretamente de uma realidade biológica: os homens e as mulheres foram criados diferentes, e não igualmente privilegiados” (FIRESTONE, 1976, p. 17-18).

Ainda segundo Firestone (1976), “as primeiras mulheres estão conseguindo escapar ao massacre e, inseguras e vacilantes, começam a descobrir-se umas às outras” (FIRESTONE, 1976, p. 12). A autora, assim, destaca o caráter coletivo da condição feminina nas sociedades; ou seja, as experiências pessoais de uma mulher são perpassadas por estruturas coletivas⁴, e uma delas diz respeito ao fato de serem mulheres. As inquietações que Freitas sentia relacionam-se à sua experiência como mulher na sociedade contemporânea, e justamente por isso encontram eco na teoria feminista. A posição de poeta surge por meio da linguagem. Há estudos sobre como a ironia é um recurso determinante, um posicionamento por meio da escrita em si, na obra de Angélica Freitas, como o desenvolvido por Mendes (2016) e outros a

3 O trecho foi retirado de uma entrevista concedida por Angélica Freitas a Natacha Cortêz, na Revista TRIP, em 2012.

4 Firestone analisou dialeticamente as teorias de Marx e Engels e também de Freud para abordar a questão da mulher na sociedade. Em sua obra, a autora também procurou analisar a questão racial, sem muito sucesso, como foi apontado por Angela Davis (2016). A partir desses conceitos, entende-se que há quatro sistemas de dominação e exploração vigentes: o capitalismo, o racismo, o patriarcado e o uma violência que se direciona especificamente à natureza. Tal visão é corroborada por Plumwood (1993). Assim, uma mulher negra, por exemplo, está em diferente condição social do que uma mulher branca, tendo em vista que sua experiência será atravessada por duas estruturas: pelo patriarcado e pelo racismo.

respeito da questão de gênero, como o de Pietrani (2013), por exemplo.

O objetivo deste estudo, entretanto, é o de uma abordagem que tenha como base os conceitos aristotélicos de *logos* e *phoné*. Faz-se prudente, por isso, uma explicação inicial que justifique a escolha de tais definições como origem da análise pretendida.

Em *A cosmopolítica dos animais* (2020), Juliana Fausto desenvolve o argumento de que os animais, de forma geral, articulam-se politicamente. Tal projeto coloca-se contra a ideia de que esses seres seriam, por não terem política, desprovidos de *logos*.

É que, para ele [Aristóteles], só o homem possuiria *logos* – discurso, razão, linguagem –, o mais fundamental dos muitos avatares da distinção humana que o pensamento ocidental produziu em sua história. Os animais, sempre os outros diante dos quais a humanidade se eleva singularmente, além de desprovidos de linguagem, razão, alma, ferramentas e incontáveis propriedades, restaram sem política. *Homo homini lupus*, a máxima evocada por Thomas Hobbes, aponta para a condição bruta e bestial das cidades em sua relação entre si, isto é, sem um Estado dos Estados que as ordene. Sem essa autoridade superior, onde se encontra um mestre, retornar-se-ia ao estado de natureza, aqueles dos lobos considerados canibais, configuração sumamente apolítica. No debate político, os animais surgem apenas como metáforas, símbolos – lobos, leões, ratos, cobras, cordeiros etc. – que significam certas disposições ou ânimos sem, no entanto, se referirem aos bichos e suas populações (FAUSTO, 2020, pp. 11-12).

O argumento central de Fausto, entretanto, desdobra-se em outra problemática. A partir da consideração acerca de quem não possui *logos* e de quem possui, determinam-se os lugares políticos ocupados por esses indivíduos, a saber, no trecho citado a seguir, os escravos e os animais:

(...) a relação com o *logos* não apenas separa dois mundos, o da política mais alta e o “natural” (cuja política, se há, não está no mesmo nível da outra), mas determina, dentro do ordenamento da *polis*, o lugar de cada um. O problema não é, portanto, simplesmente estar excluído da política, mas o modo como se é imediatamente capturado por ela (FAUSTO, 2020, p. 62).

Assim, a separação entre seres providos de *logos* e, por isso, aptos a desenvolverem a “alta” política, e os que não possuem essa característica, mas apenas a *phoné* ou algo próximo disso, resulta em uma relação política. Ainda, segundo Fausto (2020), essa separação perpassaria outras questões políticas, como o racismo, o sexismo, o especismo, o colonialismo e o etnocentrismo, por

determinarem como natural uma relação a qual é politicamente construída (FAUSTO, 2020, p. 68). Trata-se, assim, da naturalização da dominação por motivos arbitrários, como, por exemplo, os mencionados por Firestone (1976) quando se referiu à biologia. No caso dos animais, o critério para a sujeição seria o de não poderem exercer, segundo Aristóteles, a “alta” política. Mulheres e animais ocupariam, assim, por motivos diferentes, o mesmo lugar, considerando os pares hierárquicos razão/natureza e homem/mulher⁵.

A partir de tais considerações, o ponto inicial da análise literária se concentrará no primeiro poema de *Um útero é do tamanho de um punho* (2012). Este se mostra emblemático, pois estabelece uma grande oposição a qual, na primeira parte do livro, define o que é considerado uma mulher boa e o que não é:

porque uma mulher boa
é uma mulher limpa
e se ela é uma mulher limpa
ela é uma mulher boa
há milhões, milhões de anos
pôs-se sobre duas patas
a mulher era braba e suja
braba e suja e ladrava
porque uma mulher braba
não é uma mulher boa
e uma mulher boa
é uma mulher limpa

há milhões, milhões de anos
pôs-se sobre duas patas
não ladra mais, é mansa
é mansa e boa e limpa
(FREITAS, 2012, p. 11)

Nesse poema, especificamente, o ritmo é repetitivo. O primeiro verso começa com “porque”, passando ao leitor a impressão de que tal fala é parte de um discurso repetido incessantemente, que já está em curso, uma justificativa para uma condição preexistente. Na primeira estrofe, cria-se uma equivalência entre “mulher limpa” e “mulher boa”, o elo entre esses dois atributos é indiscutível e reforçado pela lógica determinista⁶: se uma mulher é boa, ela é limpa, e se ela é limpa, ela é boa.

5 Considera-se a teoria do nó: “O nó (Saffioti, 1985, 1996) formado por estas três contradições apresenta uma qualidade distinta das determinações que o integram. Não se trata de somar racismo + gênero + classe social, mas de perceber a realidade compósita e nova que resulta dessa fusão” (SAFFIOTI, 2015, p. 122). Isso significa que, na prática, a situação dos indivíduos torna-se mais complexa, tendo em vista a existência de outras estruturas. A problemática dos dualismos também é explorada por Plumwood (1993).

6 Essa interpretação é parte de uma leitura do poema feita por Pietrani (2013). Mendes (2016) também destaca em sua leitura “Angélica Freitas: o útero como punho, a ironia como luva” o caráter determinista do discurso que o poema ecoa.

Na segunda estrofe, tem-se um recuo histórico às origens da “mulher boa”, a qual passou a ser assim depois de passar a andar sobre duas patas. A mulher má é brava, como animal, e é suja também, já que a mulher boa é necessariamente limpa. Criam-se, assim, blocos de atributos opostos: braba/suja/patas e boa/limpa/mansa. Entretanto, à mulher boa ainda cabe um adjetivo que é comumente utilizado para se referir aos animais, mansa. Tal constatação mostra que a mulher boa não é dessa forma por natureza, mas por ter se ou sido domesticada.

A terceira estrofe confirma a oposição traçada entre os atributos de forma redundante: a mulher braba não é boa, já a mulher boa é limpa. O sujeito poético diz o mesmo de formas diferentes diversas vezes ao longo do poema e, por ser assim, são feitas as devidas inferências quando o raciocínio determinista não se completa. O discurso apresentado, por isso, não mostra uma progressão, apenas redundância e repetição.

Na quarta estrofe volta-se ao recuo histórico, e afirma-se que, desde que a mulher passou a andar sobre duas patas e a ser “civilizada”, já não ladra mais, e encaixa-se no bloco de atributos mansa/boa/limpa. A questão da civilização e selvageria pode também ser relacionada à domesticação. A mulher era como um animal selvagem, há milhões e milhões de anos, até que foi amansada, pois assim o homem quis. Entretanto, ressalta-se que ainda assim, a mulher segue referida como um animal.

A organização do poema é invertida: a segunda e a quarta estrofes fazem uma afirmação que a primeira e a terceira explicam ou justificam, ambas iniciadas com “porque”. O caráter é o de um discurso o qual afirma sempre o mesmo, redundantemente, por meio de tautologias. Porém, este discurso não é ingênuo e inofensivo. Perceptivelmente, a voz que ecoa nesses versos é masculina e tal detalhe mostra que o texto não reflete a opinião da autora, mas coloca o discurso misógino como ele é: redundante, sem lógica e sem progressão. A mulher, tanto a desobediente, que não se tornou um animal *manso*, quanto a que supostamente se tornou, é submetida a um suposto *logos* masculino que carece de lógica. Ou seja, por meio da organização dos versos e pelas afirmações feitas, coloca-se em dúvida o fato de os animais – e as mulheres – serem os seres desprovidos de um raciocínio considerado superior no cenário traçado pelo poema.

Sobre o estrato sonoro, destaca-se a distinta sonoridade dos blocos de atributos. Ao considerar os termos braba/suja/patas, observa-se que “braba” é um termo informal, coloquial, uma forma de falar “brava”. Tal constatação contribui com a suposição de que o discurso vinculado é popularmente disseminado e que faz parte do cotidiano dos indivíduos, bem como outros termos coloquiais. Mais que isso, a troca do v pelo b é uma troca de uma fricativa por uma oclusiva, muito mais “explosiva”. É da mesma família do b o p, de “patas”⁷. Já os termos limpa/boa/mansa são atributos pronunciados de forma mais fluida, com exceção do vocábulo limpa, em relação às palavras do bloco oposto, o que pode, assim, fazer o leitor considerá-los mais palatáveis, como o sujeito poético os coloca. Está construída uma mulher domesticada que se opõe ao animal selvagem: limpa, boa e mansa.

7 Mendes (2016) menciona em sua leitura o fato de que as consoantes fricativas são trocadas por oclusivas, o que causa o efeito “explosivo”.

O poema seguinte também se relaciona às questões levantadas na análise do texto anterior:

uma mulher muito feia
era extremamente limpa
e tinha uma irmã menos feia
que era mais ou menos limpa

e ainda uma prima
incrivelmente bonita
que mantinha tão somente
as partes essenciais limpas
que eram o cabelo e o sexo

mantinha o cabelo e o sexo
extremamente limpos
com um xampu feito no Texas
por mexicanos aburridos

mas a heroína deste poema
era uma mulher muito feia
extremamente limpa
que levou muitos anos
uma vida sem eventos
(FREITAS, 2012, p. 12)

Ironicamente, o atributo de ser limpa que se espera de uma mulher, segundo o poema, não corresponde ao significado literal da palavra. A expectativa a respeito de uma mulher é que ela mantenha o sexo e o cabelo limpos, e que seja, assim, bonita e tenha uma vida interessante. Cria-se novamente oposição de atributos: efetivamente limpa/feia e possivelmente suja/bonita. A voz que ecoa nesses versos não é a do discurso masculino, já que é exposta a contradição entre o que é esperado como “limpo” por um (os homens, no poema analisado anteriormente) e por outro (uma voz possivelmente feminina, pela denúncia feita). É perceptível na linguagem a diferença entre os dois poemas analisados até então: o primeiro, que ecoava o discurso masculino, é repetitivamente composto por raciocínio redundante e circular; já o segundo poema expõe objetivamente a contradição. Estabelece-se, assim, uma inversão, pois a voz feminina surge provida de *logos*, enquanto a masculina, desprovida de uma lógica estruturante.

O terceiro poema do livro segue o intuito anterior de traçar um retrato das características de uma mulher boa:

uma mulher sóbria
é uma mulher limpa
uma mulher ébria

é uma mulher suja

dos animais deste mundo
com unhas ou sem unhas
é da mulher ébria e suja
que tudo se aproveita

as orelhas o focinho
a barriga e os joelhos
até o rabo em parafuso
os mindinhos os artelhos
(FREITAS, 2012, p. 13)

A relação de correspondência que se estabelece é, especificamente, entre o porco e a mulher suja, dadas as características mencionadas. Há uma associação, portanto, pelos atributos invocados, já que o porco não é considerado, comumente, um animal limpo, bem como a mulher má. Além disso, outro detalhe que demonstra a associação entre mulheres e animais por eles ocuparem um determinado lugar político devido a sua suposta falta de *logos* é o argumento do referente ausente, demonstrado por Carol J. Adams, na obra *A política sexual da carne – Uma teoria feminista-vegetariana* (2018). Por meio do retalhamento dos animais, estes se transformariam em carne, o que levaria o consumidor, por sua vez, a deixar de associar o alimento consumido a sua origem. Os referentes acerca da violência contra animais e contra mulheres estariam, segundo a teórica, ambos ausentes, mas superpostos, na medida em que o uso se dá de forma conjunta:

A violência sexual e o consumo de carne, que parecem ser formas distintas de violência, têm no referente ausente um ponto de intersecção. As imagens culturais de violência sexual, e a violência sexual real, frequentemente repousam no nosso conhecimento de como os animais são retalhados e comidos. Por exemplo, Kathy Barry nos fala de *maisons d'abattage* (tradução literal: casas de matança) onde seis ou sete mulheres atendem 80 a 120 clientes por noite. Além disso, o equipamento pornográfico usado para a sujeição – correntes, espetos de gado, laço, coleiras de cachorro e cordas – evoca o controle sobre os animais. Assim, quando as mulheres são vítimas de violência, o tratamento dado aos animais é lembrado (ADAMS, 2018, p. 81).

Logo, a mulher é manuseada tal qual o porco e, assim como ocorre com o animal, passa a ser considerada carne, segundo o poema. A escolha vocabular também evoca o retalhamento sofrido pelos animais, na medida em que o verbo utilizado é aproveitar, o qual remete a um possível resultado do processo mencionado, pois a mulher passa de ser vivo a algo que pode ser aproveitado.

O porco é mencionado explicitamente em outro poema da obra, chamado *canção popular (séc. XIX-XX)*:

canção popular (séc. XIX-XX)

uma mulher incomoda
é interdita
levada para o depósito
das mulheres que incomodam

loucas louquinhas
tantãs da cabeça
ataduras banhos frios

são porcas permanentes
mas como descobrem os maridos
enriquecidos subitamente
as porcas loucas trancafiadas
são muito convenientes

interna, enterra
(FREITAS, 2012, p. 15)

O poema versa sobre uma das formas utilizadas para normalizar o comportamento da mulher: o discurso médico. A medicina, a partir do século XIX, passou a controlar a sociedade e estabeleceu quais papéis deveriam ser desempenhados pelas mulheres⁸, e regulamentava, assim, a existência feminina.

Na primeira estrofe, tem-se uma mulher que incomoda e que sofre uma interdição. A mulher é levada ao depósito de mulheres que incomodam, que pode ser entendido como o sanatório, o hospício, a internação psiquiátrica. Vale ressaltar que Angélica Freitas novamente flerta com a esfera popular, na medida em que seus versos são de imensa semelhança com a música “um elefante incomoda muita gente, dois elefantes incomodam muito mais [...]”. Na segunda estrofe, nos dois primeiros versos, há a opinião sobre essas mulheres, segundo o discurso masculino: “loucas, louquinhas e tantãs da cabeça”. Os métodos para tratar essas mulheres ficam explícitos nos versos seguintes (ataduras e banhos frios).

Na terceira estrofe, faz-se novamente menção aos blocos de atributos do primeiro poema analisado. Essas mulheres que são loucas, são porcas, ou seja, sujas.

8 Conforme afirmam Machado e Caleiro (2008): “Em seu livro *Ao sul do corpo*, Del Priore (1995) discorre sobre a mulher no Brasil colonial, a condição feminina, o processo de domesticação da mulher, a maternidade, os papéis femininos estabelecidos pela Igreja e pela Sociedade. [...] Esse adestramento utilizou também outro instrumento, que foi o discurso normativo médico sobre o funcionamento do corpo feminino, especificando como função natural da mulher a procriação, conforme a autora, assim, enquanto a Igreja cuidava das almas, a Medicina ocupava-se dos corpos” (MACHADO; CALEIRO, 2008, p. 2).

A repetição do *p* em “porcas permanentes” é agressiva semântica e sonoramente. Uma porca permanente jamais poderá se transformar em uma porca domesticada, como uma mulher boa.

A última estrofe, composta por apenas um verso, “interna/enterra”, repete a sonoridade de “incomoda, interdita, interna, enterra”, dando final ao que pode ser entendido como uma sucessão. A afinidade sonora entre as palavras dita o destino das mulheres que tentam exercer a liberdade em algum âmbito de suas vidas. Elas incomodam, são interditas como loucas e perigosas à sociedade, são internadas e, provavelmente, morrem em tais condições sem nunca conseguirem se libertar novamente, e, por fim, são enterradas. O ato de enterrar a mulher também pode ser entendido como resultado de um processo o qual objetiva o silenciamento. O poema, então, na sequência dos outros analisados, mostra como, no século XIX e XX, havia mecanismos para que as mulheres não escapassem do bloco de atributos considerados adequados: boa/mansa/limpa/bonita. Mostra também, apesar da perceptível falta de lógica ou racionalidade do discurso masculino, como a questão da loucura pode ter sido instrumentalizada. Na medida em que os poemas progridem, tem-se a adição de características aos blocos de adjetivos: mulher boa/mansa/limpa/bonita/sã e braba/suja/feia/louca.

O poema também estabelece um limite histórico: do século XIX ao século XX. Não significa, entretanto, que o controle masculino se desfez. Nesse texto em específico é possível perceber, em suma, a associação entre as mulheres e os porcos novamente e também que havia e há um aparato que pode ser instrumentalizado a favor do status quo. A manutenção dessa conjuntura relaciona-se diretamente com a problemática mencionada a respeito do *logos*, pois o questionamento acerca dessa instância – ou de como determinada conjuntura não se sustenta logicamente a partir de suas ações e discursos – não deve se disseminar.

uma mulher gorda
incomoda muita gente
uma mulher gorda e bêbada
incomoda muito mais

uma mulher gorda
é uma mulher suja
uma mulher suja
incomoda incomoda
muito mais

uma mulher limpa
rápido
uma mulher limpa
(FREITAS, 2013, p. 16)

A primeira estrofe do poema retoma a canção popular do elefante de forma muito mais direta e afirma que a mulher gorda incomoda, mas que a mulher gorda

e bêbada incomoda muito mais. Indiretamente, chama-se a mulher de animal sem mencioná-lo, o que pode ser considerado um mecanismo próximo daquele cunhado por Adams (2018) como referente ausente. Isso mostra, novamente, a referida associação entre os dois grupos, mas destaca também a persistência de elementos coloquiais, como as palavras advindas da pronúncia em desacordo com a norma gramatical e também os ritmos provenientes de músicas popularmente disseminadas. A hipótese que se levanta a partir dessa insistência é a de que o discurso denunciado por Freitas se verifica na prática, já que é comprovado por meio de elementos populares, corriqueiros. Os poemas se baseiam, assim, naquilo que é possível ouvir nos mais diversos ambientes e nas mais variadas idades (as canções estariam associadas à infância, por exemplo). Tal hipótese demonstraria que o discurso denunciado, de certa forma, já teria se consolidado, muitas vezes, de forma pouco crítica por aqueles que o ouvem, de forma geral.

Na segunda estrofe tem-se novamente o raciocínio determinista e ecoa o discurso masculino com suas tautologias, sem perder o ritmo da música do elefante. Porém, há uma quebra. Acaba a música, e é necessário esconder essa mulher que é gorda e bêbada e que é, segundo a lógica impregnada no poema, uma mulher má.

Dentre os poemas que compõem a primeira parte, *Uma mulher limpa*, selecionaram-se os que contribuía de alguma forma para delinear o que seria uma mulher boa e uma mulher má, observando as características opostas que os textos estabeleceram. A segunda parte da obra, *Mulher de*, ecoa uma voz masculina, na medida em que tenta prever, baseando-se uma lógica impossível, o que uma mulher estaria buscando, como, por exemplo, no poema *mulher de vermelho*:

mulher de vermelho

o que será que ela quer
essa mulher de vermelho
alguma coisa ela quer
pra ter posto esse vestido
não pode ser apenas
uma escolha casual
podia ser um amarelo
verde ou talvez azul
mas ela escolheu vermelho
ela sabe o que ela quer
e ela escolheu vestido
e ela é uma mulher
então com base nesses fatos
eu já posso afirmar
que conheço o seu desejo
caro watson, elementar:
o que ela quer sou euzinho
sou euzinho o que ela quer
só pode ser euzinho

o que mais podia ser
(FREITAS, 2012, p. 31)

O poema em questão abre a segunda parte do livro, *Mulher de*, que está no título de todos os poemas (menos *no mulher depois e mulher depressa*, que, de certa forma, repetem a sonoridade mesmo sem serem idênticos). No texto selecionado, há uma voz evidentemente masculina a qual versa sobre uma mulher que escolheu sair de vermelho, com a presença novamente de uma lógica falha. Ela é uma mulher, que escolheu um vestido vermelho, e isso tem necessariamente significado (“ela sabe o que ela quer/e ela escolheu vestido/e ela é uma mulher”), pois ela poderia ter escolhido uma peça amarela, verde ou azul. A repetição aponta para um raciocínio redundante e mal fundamentado já visto na primeira parte do livro, dessa vez, apenas focando na cor da roupa que a mulher escolheu utilizar.

Há um verso que anuncia “caro watson, elementar”, o qual associa a voz à de um famoso detetive, Sherlock Holmes, que tinha como assistente Watson, à investigação empreendida pelo sujeito poético. É um uso irônico de uma figura já consagrada nos romances de investigação, e assim o é porque ridiculariza também a “investigação” feita pelo sujeito poético para concluir que a mulher que escolheu o vestido vermelho só pode desejá-lo. A lógica do pensamento dominante é, nesse ponto, a de afirmar incessantemente que a mulher existe apenas para o desejo masculino, pois ela só poderia querer o “euzinho” ao escolher usar um vestido vermelho. O raciocínio redundante e determinista muito se assemelha ao demonstrado pelo primeiro poema do livro. Logo, as conclusões a respeito dos dois textos podem ser aproximadas: a classe provida de *logos* é, na verdade, a que faz afirmações circulares, redundantes e deterministas, contraditoriamente.

Em outro momento da obra, de nome *3 poemas com o auxílio do google*, surgem novamente as conclusões baseadas em informações popularmente disseminadas, mas, dessa vez, atualizadas, próprias de um período permeado pela tecnologia: a mulher vai, a mulher pensa e a mulher quer, segundo as pesquisas feitas em um buscador de internet. Ao digitar os nomes dos poemas no Google, obtêm-se resultados por meio do recurso “autocompletar”, que sugere as buscas mais populares a respeito do assunto. Surgem desse cenário os versos dos poemas, os quais mostram o pensamento de uma sociedade contemporânea a respeito do que a mulher pensa e quer e para onde vai. Esses textos só reforçam aquilo que os anteriores demonstram, mas também explicitam que a mentalidade criticada pelos poemas é, de fato, já consolidada, na medida em que os recursos utilizados permitem tal afirmação.

A partir da penúltima parte do livro, *Argentina*, pode-se observar outros aspectos do raciocínio apresentado:

II.

os churrascos são de marte
e as saladas são de vênus

me dizia uma amiga que os churrascos
cabem aos homens porque são feitos

fora de casa

às mulheres as alfaces
às alfaces as mulheres

que alguém se rebele e diga
pela imediata mudança de hábitos

assar uma carne no forno
seria um paliativo não seria uma solução
que suem as lindas na frente da churrasqueira
e que piquem eles as folhas verdes
(FREITAS, 2012, p. 76)

No primeiro dos poemas dessa sequência, a voz do poema afirma que outros fazem assertivas a respeito de ela ter voltado feminista da Argentina. Como resposta, há o argumento de que houve muito tempo para que pensasse em coisas que ninguém quer pensar: que os churrascos são machos e as saladas fêmeas, aludindo a uma dicotomia que envolve o ambiente público e o privado também. As saladas são preparadas na cozinha, num ambiente doméstico, enquanto o churrasco é preparado ao ar livre. O poema *II* aborda justamente a questão da dicotomia cultural mulher/salada versus homem/churrasco e também associa ao preparo da carne ao sexo masculino. A segunda estrofe do poema confirma a questão do ambiente privado/doméstico e do ambiente público, o qual mostra que grupo ocupa qual espaço, de acordo com a conjuntura em vigor. Há também a presença da lógica determinista já mencionada ao longo do estudo em “às mulheres as alfaces/ às alfaces as mulheres”⁹, numa demonstração de que, novamente, há a presença marcada de uma lógica masculina no discurso comentado por uma amiga, mas predomina também a crítica a tal fala por parte da voz poética, uma vez que a ironia é o modo de tratamento utilizado para retratar o que foi dito.

Há, ainda em tal poema, uma referência ao *Poema de sete faces*, de Carlos Drummond de Andrade, o qual afirma que “se eu me chamasse Raimundo/ seria uma rima, não seria uma solução” (ANDRADE, 2010, p. 85). Freitas, assim, mostra que o problema sob análise marca a longa tradição literária e que as respostas almejadas ainda não foram alcançadas. O diálogo também mostra como o questionamento feito parte de lugares sociais díspares e, por isso, pode chegar a soluções pouco exploradas até então. O texto pleiteia a mudança de hábitos: assar a carne no forno não é a solução, o que pode ser visto como uma crítica à mera inversão dos papéis previamente estabelecidos, hipótese corroborada por Mendes (2016). Com tal movimento, a lógica tão criticada ao longo da obra se manteria, com apenas a troca do grupo que passa a ser provido de *logos*. Ademais, o animal

9 Segundo Mendes (2016): “No caso, as mulheres já estão destinadas às alfaces, seja que mulher for. Apesar da inversão do discurso – sobre o vencedor para o discurso sobre a perdedora –, há certa consonância crítico-filosófica: ambos refutam e ironizam um modelo de pensamento determinista, que parece ainda vigorar no que tange à posição social da mulher.” (MENDES, 2016, p. 6019).

que também perpassou a obra seguiria retalhado, transformado apenas em *carne*. A solução pouco explorada até então seria, assim, dismantelar a hierarquia e, em alguma medida, a separação instituída a partir da distinção entre seres providos de *logos* e desprovidos deste.

Em suma, o que se destaca na análise feita é o pensamento masculino a respeito da mulher retratado como redundante, repetitivo, determinista e naturalizado/consolidado por Angélica Freitas. Em mesma medida, ao rebaixar mulheres a animais, a assertiva é a de que os estes são, por serem desprovidos de *logos*, inferiores. Entretanto, o animal irracional que figura nos poemas em que a voz masculina ecoa é a própria figura do homem, e é possível atestar tal constatação por meio da linguagem.

Para Aristóteles (2006):

o homem é um animal cívico, mais social do que as abelhas e os outros animais que vivem juntos. A natureza, que nada faz em vão, concedeu apenas a ele o dom da palavra, que não devemos confundir com os sons da voz. Estes são apenas a expressão de sensações agradáveis ou desagradáveis, de que os outros animais são, como nós, capazes. A natureza deu-lhes um órgão limitado a este único efeito; nós, porém, temos a mais, senão o conhecimento desenvolvido, pelo menos o sentimento obscuro do bem e do mal, do útil e do nocivo, do justo e do injusto, objetos para a manifestação dos quais nos foi principalmente dado o órgão da fala. Este comércio da palavra é o laço de toda sociedade doméstica e civil. (ARISTÓTELES, 2006, p. 5)

O homem seria, assim, o ser apto à política, por conseguir distinguir entre o que é justo e injusto, bom ou mau, útil e inútil. Seria este o portador de *logos*, linguagem, enquanto aos animais, incapazes quanto à percepção das distinções já mencionadas, cabe apenas a *phoné*, a voz, que serve para expressar dor ou prazer puramente. Os homens ocupariam, assim, uma posição de supremacia por poderem formular palavras, enquanto os animais poderiam apenas emitir sons. Esse arranjo hierárquico seria, assim, naturalizado pela justificativa dada por Aristóteles.

Conforme afirma Simone de Beauvoir:

A humanidade é masculina [...] O homem é pensável sem a mulher. Ela não, sem o homem. Ela não é senão o que o homem decide que seja; daí dizer-se o “sexo” para dizer que ela se apresenta diante do macho como um ser sexuado: para ele, a fêmea é sexo, logo ela o é absolutamente. A mulher determina-se e diferencia-se em relação ao homem, e não este em relação a ela; a fêmea é o inessencial perante o essencial. O homem é o Sujeito, o Absoluto; ela é o Outro. (BEAUVOIR, 2016, p. 12-13)

Pode-se observar, a partir dos dois teóricos, que tanto a mulher quanto o animal são considerados o Outro. Nos poemas de Angélica Freitas, é possível perceber essa distinção na medida em que o homem agrupa os animais e as mulheres, ao partir do pressuposto de que sua racionalidade e sua aptidão para a política determinam que os outros seres citados devem ser subjugados por ele. Além disso, a partir do que afirma Beauvoir (2016), é possível perceber que a mulher é considerada mais próxima do corpo pelo homem, que ela é seu sexo. Conseqüentemente, seria, assim, menos racional por estar próxima do que há de animal em si. A associação entre animais e mulheres nos poemas de Angélica Freitas, por isso, denuncia duas condições ao mesmo tempo, na medida em que se aproveita tudo de uma mulher, assim como também se aproveita tudo de um animal.

considerações finais

Ao analisar os poemas de Angélica Freitas, é possível perceber a ironia do sujeito poético ao abordar a questão da condição feminina na sociedade contemporânea. Entretanto, a questão dos animais, considerando os conceitos aristotélicos de *logos* e *phoné* é reveladora de uma subversão muito profunda, uma vez que, nos poemas, o animal é sempre fêmea e o suposto discurso racional da voz masculina apresenta-se como redundante, como contrário ao que deveria ser segundo Aristóteles.

Ao retratar as mulheres como porcas permanentes, Angélica Freitas mostra o discurso amplamente disseminado, assim como por meio de canções populares e de buscadores de internet, por exemplo. Ecoa nos poemas uma voz masculina que tem uma suposta autoridade a respeito da temática. Entretanto, a trama dos textos mostra que esse raciocínio a respeito da mulher, ao considerar *logos* e *phoné*, distancia-se do que é justo, bom e útil. A presença de tautologias, de redundâncias e de determinismos mostra que o *logos* atribuído aos homens não é lógico como pretende-se considerar. As mulheres, por sua vez, mais próximas de *phoné* pela associação com os animais, são retratadas por essa voz masculina, por consequência, de forma injusta e maldosa, o que constitui uma perspectiva enviesada. Surge daí a subversão profunda dos poemas de Angélica Freitas: questiona-se, por meio da própria linguagem e do arranjo que se faz a partir dela, a validade do que é dito por essa voz masculina sobre as mulheres, as porcas permanentes.

Além disso, é possível estabelecer outra perspectiva sobre a questão a partir daquilo que afirmou Beauvoir (2016) sobre o Outro: a figura masculina subjuga tanto as mulheres quanto os animais. Segundo Regan (2006), não seria moralmente aceitável submeter outro ser por considerá-lo “inferior” em algum aspecto; entretanto, essa uma justificativa frequente quando a temática é a dominação e a exploração dos animais. A discussão feita pelo teórico citado a respeito dos direitos destes trata da categoria como “sujeito-de-uma-vida” para analisar tal problemática e seus desdobramentos. Para este estudo, o que é de particular relevância é o fato de que os poemas mobilizam, de forma mais ou menos explícita, duas estruturas de

dominação e exploração ao mesmo tempo. Na medida em manifestam tais hierarquias, demonstram uma situação que é de caráter coletivo.

No desfecho do livro analisado, põe-se em questão o arranjo hierárquico que se estabelece baseando-se nas supostas diferenças naturais entre homens e mulheres, conforme mencionado, e em alguma instância a hierarquia entre seres humanos e animais. Logo, os poemas analisados mostram que Freitas não só se refere ironicamente às situações pontuais em que é possível perceber que há uma distinção injusta. Seus textos, sobretudo, desnudam arranjos hierárquicos, mais ou menos explícitos, que regem a sociedade. Tal característica mostra na prática o que Agamben (2009) define como contemporâneo, na medida em que o resultado desse processo pode ser considerado a percepção de uma das fraturas de sua época. No mais, a solução proposta – a de que o sistema, independente do grupo que ocupa o papel de superior ou inferior – mostra radicalidade ímpar em relação à tradição poética brasileira.

referências bibliográficas

ADAMS, Carol J. *A política sexual da carne – Uma teoria feminista-vegetariana*. Tradução de Cristina Cupertino. São Paulo: Alaúde Editorial, 2018.

AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Tradução de Vinicius Nicastro Honesco. Chapecó, SC: Argos, 2009

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Alguma poesia: o livro em seu tempo*. Rio de Janeiro: IMS, 2010.

ARISTÓTELES. *A política*. Tradução de Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: volume 1 - Fatos e mitos*. Tradução de Sérgio Millet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

FAUSTO, Juliana. *A cosmopolítica dos animais*. São Paulo: N-1 edições, 2020.

FREITAS, Angélica. *Um útero é do tamanho de um punho*. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

FREITAS, Angélica. *Um útero é do tamanho de um punho*. [Entrevista concedida a] Natacha Cortêz. Revista TRIP. 26 nov de 2012. Disponível em <https://revistatrip.uol.com.br/tpm/um-utero-e-do-tamanho-de-um-punho>. Acesso em 21 nov. de 2020

FIRESTONE, Shulamith. *A dialética do sexo*. Rio de Janeiro: Editorial Labor do Brasil, 1976.

KOSBY, Marília Floôr. *Mugido*. Rio de Janeiro: edições garupa, 2017.

MACHADO, Jacqueline Simone de Almeida ; CALEIRO, Regina Célia Lima. Loucura feminina: doença ou transgressão social? *Desenvolvimento Social*. Minas Gerais: Montes Claros, v. 1, n. 1, jan./jun. de 2008.

MENDES, Rafael da Silva. Angélica Freitas: o útero como punho, a ironia como luva. In: Encontro da Associação Brasileira de Literatura Comparada - ABRALIC, 2016, Rio de Janeiro. Anais do XV Encontro da Associação Brasileira de Literatura Comparada - ABRALIC, 2016.

PIETRANI, Anélia Montechiari. Questões de gênero e política da imaginação na poesia de Angélica Freitas. *Revista Fórum identidades*. Itabaiana: GEPIADDE, ano 7, volume 14, jul./dez. de 2013.

PLUMWOOD, Val. *Feminism and the Mastery of Nature*. Londres: Routledge, 1993.

REGAN, Tom. *Jaulas vazias: encarando o desafio dos direitos animais*. Tradução de Regina Rheda. Porto Alegre: Lugano, 2006.

SAFFIOTI, Heleieth. *Gênero patriarcado violência*. São Paulo: Expressão Popular/Fundação Perseu Abramo, 2015.